

INFÂNCIA, CONSUMO E AMBIENTE ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA¹

Danielli Ribeiro da Silva²
Priscila Soares Vidal Festa³

RESUMO

As mudanças trazidas pelas sociedades contemporâneas modificaram a forma de pensar o mundo e, principalmente, de pensar a infância. Devido a esse contexto, faz-se importante que educadores conheçam os movimentos da sociedade gerados pela globalização com o objetivo de alinhar o trabalho pedagógico às necessidades do aluno. Como reflexo da globalização, pode-se perceber algumas características na sociedade, como: a valorização da posse de bens materiais em relação aos valores humanos, terceirização de serviços e aumento do consumo infantil. Mudanças ocorreram ao longo da história e, conseqüentemente, a estruturação das famílias também sofreu alterações. Atualmente, os pais estão mais preocupados com sua vida profissional e econômica do que em outros tempos. De acordo com o impacto da globalização na vida dos sujeitos da sociedade contemporânea, a educação pode ser vista como a possibilidade para enfrentar essa nova estruturação da sociedade e dar continuidade ao processo de desenvolvimento do sujeito de modo integral em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN) (1996). A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar as características da infância contemporânea e seus reflexos

¹ O presente artigo foi publicado no periódico *Ensaios Pedagógicos: Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET* (ISSN 2175-1773) em dezembro de 2015.

² Graduanda em Pedagogia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: daniribeiro.84@hotmail.com

³ Mestre em Distúrbios da Comunicação pela UTP. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail*: priscila.festa@fae.edu

no desenvolvimento das crianças no ambiente escolar. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, com dados teóricos e questionários que foram respondidos por professores atuantes na Educação Infantil da rede pública e privada. A base teórica da pesquisa contou principalmente com os autores Momo (2007), Bauman (2008; 2009) e Silva (2014), os quais defendem que é de grande pertinência para a sociedade e para a escola a compreensão das transformações que acompanham a globalização. Ao final do trabalho ficou exposta a necessidade de uma nova maneira de pensar e praticar a educação, já que os alunos chegam muitas vezes como detentores do conhecimento, mas necessitando serem formados como sujeitos atuantes de uma sociedade.

Palavras-chave: Sociedade Contemporânea. Família. Infância.

INTRODUÇÃO

A transformação das sociedades remodelaram a forma de entender o mundo e, conseqüentemente de pensar a infância. Isso é percebido na maioria dos setores da sociedade, inclusive na área da educação, pois cada vez mais as equipes pedagógicas das escolas têm percebido as características peculiares dessa infância do século XXI.

Devido a esse contexto, faz-se importante que educadores conheçam os movimentos da sociedade gerados pela globalização, além da realidade social e econômica das famílias e de seus alunos, a fim de compreender suas características e, dessa forma, alinhar o trabalho pedagógico às necessidades deste aluno.

Nesse sentido, a atualidade passa a ser caracterizada pela diluição de padrões e comportamentos pré-definidos, pois a globalização faz com que a realidade mude instantaneamente e, por consequência, o sujeito que chega à escola de educação infantil também se modifica, assim como Momo (2007, p. 38) descreve: “as condições culturais contemporâneas produzem efeitos na forma de ser criança e de viver a infância, promovendo novas formas de ser aluno”.

De acordo com Silva (2014), uma característica importante na constituição dos sujeitos das sociedades modernas é a valorização do **ter** em relação ao **ser**. A autora pontua que **ser** é possuir identidade; é a relação social e afetiva de um indivíduo com o outro. No entanto, o verbo **ter** remete à ideia de possuir (posse do bem material), da competitividade e do **ter** exclusivo, refletindo dessa forma o egoísmo nas relações interpessoais. Nesse sentido, ocorre o não partilhar, por que o outro se torna um inimigo em potencial e as **minhas** necessidades são prioridade frente às necessidades do próximo (SILVA, 2014). Nesse contexto da sociedade atual, em que o **ter** é mais importante do que o **ser**, as famílias estão cada vez mais dedicadas ao trabalho e voltadas para o sustento de seus padrões de vida por meio do consumo.

A história se modificou ao longo do tempo e, em decorrência da disposição das famílias, também se transformou. Como consequência, os pais procuram compensar sua ausência no desenvolvimento dos seus filhos com bens materiais, alimentando, portanto, o consumo inconsciente e excessivo das crianças, fomentando o crescimento do consumo infantil (SILVA, 2014). Nesse sentido, a mídia encontrou um viés para o aumento de vendas relacionadas ao contexto infantil, fazendo com que as crianças tornem-se o alvo principal de campanhas publicitárias que incentivam o consumo excessivo, algo denominado como mercado infantil (BAUMAN, 2008).

Conseqüentemente, a escola (enquanto instituição formadora) tem observado, já na Educação Infantil, que as crianças estão desenvolvendo uma percepção maior sobre o consumo, o que gera uma nova forma de pensar a infância. Conforme Ariès (1981),

a diferença entre a idade adulta e a idade infantil está no conhecimento adquirido. Nesse sentido, pode-se afirmar que crianças em idade escolar entre dois e cinco anos estão em pleno desenvolvimento físico e psicológico. Isso significa que elas ainda não têm como discernir se o desejo incentivado pelo marketing infantil vem de uma necessidade real ou emocional.

Os autores pesquisados (MOMO, 2007; BAUMAN, 2008; BAUMAN, 2009; SILVA, 2014) defendem que a compreensão das mudanças trazidas pela globalização é de extrema relevância para a sociedade e para a própria escola, que é quem recebe estes indivíduos com o dever de formá-los.

Mediante essas questões, surge a seguinte problematização: Como a escola, enquanto instituição formadora, pode contribuir no desenvolvimento das crianças que vivem em um mundo globalizado?

Os pontos norteadores da pesquisa foram: as mudanças de comportamento do indivíduo diante da sociedade do consumo e o papel importante da escola quando o tema em questão é o desenvolvimento do indivíduo.

Como metodologia foi utilizada a pesquisa exploratória do tipo bibliográfica, assim como foi realizada uma pesquisa de campo através de questionários realizados com 15 professores atuantes na Educação Infantil da rede privada e da rede pública.

Com o intuito de situar o leitor, o artigo foi dividido em quatro tópicos que contextualizam a sociedade contemporânea e sua relação com o consumo, as características da família e da infância em uma sociedade globalizada e o papel da escola na sociedade atual.

1 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA

A Educação Infantil firma-se como um direito a partir da Constituição Federal de 1988. Contudo, é na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)⁴ que esta aparece definida como primeira etapa da educação básica.

Nessa perspectiva, apresenta-se inicialmente o art. 29. da LDBEN:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

⁴ Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Crianças são agentes de transformação, que devem ser instigados a pensar com criticidade, na reflexão-ação-reflexão, estimulados a imaginar, criar e dar novo significado a conceitos através de uma educação contextualizada. Dessa forma, não se pode mais compreender a Educação Infantil apenas como um local de recreação, e sim como um espaço para construção e desenvolvimento do conhecimento dessas crianças.

Educar na Instituição de Educação Infantil (IEI), portanto, significa propiciar situações que contribuam para o desenvolvimento da imaginação e dos processos criativos e para a apropriação do conhecimento pelas crianças através de diferentes abordagens: lúdicas, afetivas, cognitivas e pedagógicas. Dessa forma, é importante salientar que o aspecto cognitivo não deverá receber a maior atenção em comparação aos outros aspectos, pois é necessário que o professor tenha uma visão integral do desenvolvimento infantil, além de ter consciência de que, ao proporcionar momentos planejados, estará promovendo o desenvolvimento integral do seu aluno (PINHAIS, 2003, p. 31).

No estudo do desenvolvimento infantil, existem alguns autores que apontam fases e períodos pelos quais as crianças passam. Um exemplo desses autores é Piaget (1974), um dos grandes precursores das teorias do comportamento humano, que definiu que o desenvolvimento cognitivo do sujeito se dará através dos seguintes estágios: Sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operacional (2 aos 6 anos) e Operações concretas (7 aos 11 ou 12 anos).

No entanto, para Freud (1973 apud Moura; Gonçalves; Lima, 2011) o comportamento humano é orientado pelo impulso sexual, que por ele foi dividido nas seguintes fases: oral (0 a 18 meses), anal (18 meses a 3 anos) e fálica (3 a 7 anos).

Nesse sentido:

As pesquisas de Piaget (1974) e Freud (1973) demonstraram que existem formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo, conforme cada faixa etária. Dessa forma, todos os aspectos levantados são significativos para a educação, pois ao se planejar como e o que ensinar é necessário saber quem é o educando [...] proporcionando aos alunos uma maior compreensão do conteúdo (MOURA; GONÇALVES; LIMA, 2011).

Dessa forma, as autoras citadas salientam que as teorias do desenvolvimento humano oportunizam compreender as individualidades do sujeito, auxiliando o professor da Educação Infantil na observação e interpretação dos comportamentos dos seus alunos.

A respeito da atuação do professor na Educação Infantil, pode-se observar em Paulo Freire (2015, p. 31) que ensinar exige pesquisa, pois não existe “ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo”.

Dessa forma, o professor que atua na Educação Infantil precisa compreender como ocorre o desenvolvimento de seus alunos e seu contexto social, além de colocar-se enquanto pesquisador de novas concepções e modos de ensinar.

Para Crispino (2006), “a Educação Infantil é o verdadeiro alicerce da aprendizagem, aquela que deixa a criança pronta para aprender”. A perspectiva apresentada é que na Educação Infantil seja permitida a construção de conhecimentos, e não a apenas a reprodução.

2 A SOCIEDADE E A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

A partir do século XVIII, quando se concretizou a presença do capitalismo no cotidiano da humanidade (impulsionado pela Revolução Industrial), ficou estabelecido esse sistema econômico na sociedade, o qual prioriza a produção e o lucro.

Mesmo com as contribuições positivas no âmbito econômico e tecnológico, o capitalismo trouxe aspectos negativos que podem ser observados até os dias atuais, como uma sociedade que visa demasiadamente o lucro sem valorizar as pessoas. Isso dá origem a um indivíduo egoísta, e, por consequência, a um mercado que dita as diretrizes para o consumo e o consumidor. Como coloca Silva (2014), o **ter** passa a ser caso de necessidade, transformando o indivíduo em um ser egoísta, que avalia sua identidade pelo valor do que consome.

Aqui, deparamo-nos com as mudanças relacionadas à importância dada aos valores e às relações humanas que, nesse contexto, influenciam a formação subjetiva dos alunos. Entretanto, a escola é um espaço primordial para tal discussão, pois na prática o ambiente escolar tem o cunho de pluralizar conhecimentos que contribuam para os avanços da coletividade.

Logo, é possível dizer que os avanços tecnológicos, a globalização, entre outras mudanças que ocorreram no mundo contemporâneo, influenciam de forma direta e indireta a função social da escola, que é o espaço, além do familiar, onde se aprende e se pratica a interação social.

A família é uma instituição intrincada que está totalmente ligada aos processos de transformação histórica, social e cultural. Em função disso, é necessário conhecer seu contexto e como se apresentaram as alterações que justificam a diversidade de organizações familiares presentes em nossa realidade através da família medieval e da família contemporânea.

De acordo com Ariès (1981), a família medieval preocupava-se em garantir a transmissão da vida, dos bens materiais e dos sobrenomes, mas não se preocupava com

o desenvolvimento emocional das crianças. Além de desprezar a educação, a sociedade medieval considerava a criança, assim que esta desmamava, como a companheira natural do adulto em suas tarefas. Ou seja, a criança era encarada como um “miniadulto”.

A partir do século XVIII, a família passa a valorizar a sensibilidade e a intimidade em suas relações (ARIÈS, 1981). Nesse contexto, a família passa a ser então responsável por formar almas, afetividade e sentimento e a ajudar a escola na formação de sujeitos para a vida (ARIÈS, 1981).

Em contraponto, na atual sociedade contemporânea, as famílias passam a apresentar as consequências de uma cultura influenciada pelas características do capitalismo. Os valores não materiais, como o amor, a solidariedade, a fraternidade e a espiritualidade, passam a ocupar um lugar irrelevante (SILVA, 2014).

Navarro (2009, p. 2124) defende que “é necessário, é importante ser criança, ter tempo para brincar, socializar, olhar para o mundo com o olhar da criança, sem tantas pressões e responsabilidades”. O que se percebe atualmente é que as crianças trocam as brincadeiras lúdicas, que possibilitam a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, pelo uso de objetos que seus pais possuem, como *smartphones* com acesso à internet, computadores, maquiagens e roupas.

Entretanto, contrapondo-se à afirmação de Navarro (2009), Couto (2014) descreve o sentimento dos pais ao fazer referências ao desenvolvimento dos filhos.

Não é difícil vermos pais orgulhosos falando de como seus filhos são maduros, inteligentes para a idade e não dão trabalho em casa. [...] Cada vez mais cedo as crianças têm assumido responsabilidades, disputam posições, se cobram como adultos e buscam perfeição. [...] Despreparadas emocionalmente recebem de forma direta essas influências, querendo sempre mais, sem saber lidar com as dificuldades que acarretam.

Mesmo as crianças tendo o direito à educação assegurado na Constituição Federal de 1988⁵, no contexto atual torna-se cada vez mais difícil para os pais cumpri-lo com êxito, pois trabalhar e gerar renda é indispensável para garantir o poder econômico e o conforto da família.

Nesse contexto contemporâneo, as crianças apresentam características jamais vistas na família medieval. Os valores materiais passam a ter mais importância do que os valores subjetivos do sujeito (SILVA, 2014). Na estrutura das famílias, as crianças possuem os mesmos direitos que os adultos (LASCH, 1991), e o aprender está além das instituições (MOMO, 2007).

⁵ “Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação”.

Fica exposto, portanto, que assim como a sociedade, a família passa por modificações que redefinem sua estrutura, o que desafia a escola a não ser mais apenas um ambiente onde são ampliados os conteúdos, mas sim um espaço no qual se desenvolve o sujeito integral.

Sabe-se que o ambiente em que essas crianças vivem está saturado de informações e novidades. Segundo Momo (2007, p. 56):

A mídia tem sido entendida como uma das principais responsáveis pelas modificações na face do mundo. [...] as relações sociais entre as pessoas passam a acontecer por meio de imagens, o que ele chama de “Sociedade do espetáculo”.

Para resolver esse impasse, sobre como o marketing e a mídia podem interferir nas decisões e desejos do indivíduo, principalmente das crianças, o Código de Defesa do Consumidor Brasileiro previu proteger as crianças de apelos de consumo, instituindo no art. 37 que: “É proibida toda publicidade enganosa ou abusiva [...]”, explicando no seu parágrafo §2º:

É abusiva, dentre outras, a publicidade discriminatória de qualquer natureza, a que incite à violência, explore o medo ou a superstição, se aproveite da deficiência de julgamento e experiência da criança, desrespeite valores ambientais, ou que seja capaz de induzir o consumidor a se comportar de forma prejudicial ou perigosa à sua saúde ou segurança [...].

Para o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) (2014), a publicidade infantil fere o que está previsto na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Código de Defesa do Consumidor (CDC).

Em abril de 2014 foi publicada no Diário Oficial da União a Resolução n. 163/2014 do Conanda, na qual se considera abusivo o direcionamento de publicidade à criança, ficando proibido o direcionamento a esta de anúncios impressos, comerciais, *sites*, embalagens e promoções que estimulem o consumo.

Assim, o sujeito (seja criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso) é responsável para consumir, valorizando a condição de **ter** e não de **ser**. A imagem, o belo, o fetiche, é a garantia de *status* e prestígios; todavia, pode-se perder a noção do **ser**, da educação para a vida.

A legislação tem amparado as crianças e tem procurado protegê-las do consumo excessivo. Porém, essa é uma questão que precisa ser discutida no espaço escolar, por fazer parte da vida das crianças.

3 A ESCOLA E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Mudança é o tema presente e necessário quando o assunto é educação. Desse modo, vale ressaltar que poucas ocorreram desde a antiguidade, pois várias práticas ainda perduram na escola do século XXI, como professor com a posse do conhecimento, conteúdos sem conexão com a realidade prática dos educandos e a escola sem acompanhar as mudanças da sociedade globalizada.

De acordo com Lima (2008, p. 34), as escolas de Educação Infantil iniciam a alfabetização e a apresentação dos conteúdos muito precocemente e se esquecem de trabalhar as habilidades essenciais. A solução não parece estar na recuperação do tradicionalismo, mas na aceitação criteriosa das características da sociedade atual.

Diante dessas questões, faz-se necessário redefinir o papel da escola, escola essa que é definida como espaço de conhecimentos formais, dando continuidade ao processo de humanização. As novas relações de trabalho e as mudanças na sociedade contemporânea modificaram o papel da família e, por consequência, as responsabilidades das instituições escolares na formação do sujeito que nela está inserido.

Na visão de Silva (2014), a triste realidade é que na escola e na sociedade de modo geral o que realmente importa e tem valor são as **coisas** que as pessoas possuem: “a escola está deixando de ser um território fértil de estudo, de amizades e de exercício de cidadania para se tornar mais um espaço ‘sitiado’ pela cultura consumista” (SILVA, 2014, p. 101).

Segundo Bauman (2008), no mundo atual, de ambiente **líquido-moderno**, a educação e a aprendizagem precisam ser contínuas e para a vida. A formação da personalidade é indispensável e eternamente inconclusa. É indispensável, portanto, valorizar as experiências já vividas pelos alunos, a fim de promover uma aprendizagem que faça sentido também fora da escola e para vida. Nesse sentido, Silva e Cunha (2002) defendem que “na sociedade do conhecimento, os indivíduos são fundamentais”.

A educação precisa levar em consideração as potencialidades do indivíduo, aproveitando as questões trazidas pela sociedade. A partir dos quatro pilares da Unesco, que baseiam a educação em aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, é possível observar o tipo de cidadão que a escola deve formar.

Para Basílio (2015), Paulo Freire (1921-1997) foi o mais renomado educador brasileiro. Para o autor, a educação e o sistema de ensino não modificam a sociedade, mas a sociedade pode mudar o sistema instrucional.

O sistema educacional pode ter um papel de destaque numa revolução cultural⁶. Logo, a pedagogia crítica contribui para revelar a ideologia esquecida na consciência das

⁶ Freire chama de revolução a consciente participação do povo.

pessoas. A proposta de Paulo Freire, em termos educacionais, é uma proposta em que os professores e alunos ensinam e aprendem juntos. O educador crítico considera a voz dos alunos, cujos sentidos de ser e estar no mundo permeiam todas as suas ações no que se refere à sua aprendizagem, à escola e à sociedade. Educar é substantivamente formar.

No pensamento de Freire o aluno não é um depósito que deve ser preenchido pelo professor, cada um, juntos pode [sic] aprender e descobrir novas dimensões e possibilidades na realidade da vida [...] (SILVA, 2013).

A educação necessita ser crítica e reflexiva mediante as características das crianças e das expectativas da sociedade contemporânea: a escola não pode omitir-se diante do contexto atual, e a Educação Infantil poderá ser o meio adequado para formar cidadãos conscientes e atuantes nessa sociedade.

Para Drucker (1997 apud SILVA; CUNHA, 2002), a sociedade do conhecimento coloca a pessoa no centro, e isso levanta desafios e questões a respeito de como preparar a pessoa para atuar neste novo contexto.

4 ANÁLISE DE DADOS

Realizada a pesquisa de campo, foi produzida a análise dos dados presentes nos questionários respondidos pelos professores que atuam na Educação Infantil, em diferentes escolas da rede privada e da rede pública. Os questionários foram identificados como Q.1⁷, Q.2, e assim sucessivamente, a partir das seguintes categorias: analisar as características da infância contemporânea e o papel da escola na sociedade.

Os professores que responderam os questionários trouxeram como principais as seguintes características para esses sujeitos: agitados, ativos, curiosos, pouco focados, sem limites, sem comprometimento com o estudo e ainda autoritários, pois muitas vezes já chegam como detentores da informação. Nesse sentido, Salles (2005, p. 38) defende que:

A situação atual vem, assim, se contrapor à ideia de socialização pela qual se concebia que os adultos, pais e professores, em especial, detinham as informações às quais as crianças poderiam ter acesso, e aquilo que deveriam saber e/ou lhes era permitido fazer era controlado e estabelecido de acordo com as faixas etárias.

⁷ Os questionários foram denominados de Q.1 a Q.15, conforme o número de professores entrevistados.

Outra questão existente nas escolas atuais é o consumo desenfreado, como pode ser observado na opinião relatada no Q.10 (2015):

Tudo gira em torno daquilo que se tem e que se ganhou. Trabalho em uma escola de Ed. Infantil particular. As crianças têm um poder aquisitivo alto, com os melhores brinquedos, *tablets*, computadores e afins. [...] Os pais, no desejo insano de agradar seus filhos, fazem suas vontades e compram tudo o que podem, implantando nas crianças o querer e o poder ter mais.

Os estudos de Petersen e Schmidt (2012, p. 5) vão de encontro aos anseios do pesquisado, no sentido de que

as infâncias chegam “moldadas” para o ambiente escolar, ou seja, vêm alfabetizadas, ensinadas, governadas e disciplinadas sem mesmo saberem ler ou escrever, ou seja, antes de serem alfabetizadas pela escola “[...] as crianças, sobretudo nos grandes centros, já foram alfabetizadas pelas marcas e pelos logos. Antes de aprenderem direito a falar, elas começam a ler o mundo por meio dos ícones do consumo” (MARTINS, 2012, p. 18).

A segunda categoria analisada está relacionada ao papel da escola nos dias atuais. Em um dos questionários, foi descrito que:

Família e escola são os dois pilares que sustentam a educação da criança. A família educa, desenvolve o caráter, ajuda a criar hábitos, costumes, a seguir regras. A escola transmite conhecimento de mundo, mas não deixa de abordar situações para a construção de um bom cidadão (Q.2, 2015).

Pode-se observar na fala do pesquisado que sua reflexão sobre educação coaduna-se com o art. 29 da LDBEN (1996), que define “a educação infantil como primeira etapa da educação básica [...] complementando a ação da família e da comunidade”.

Por outro lado, a maioria dos professores pesquisados (cerca de 71%) indica como dever da família **educar** no que diz respeito ao transmitir caráter, valores, ética, moral e respeito, sendo o dever da escola **ensinar** no sentido de transmitir conhecimento das mais diversas áreas e ter um papel formador na vida do sujeito. Porém, como relata Q.10 (2015):

Os papéis estão invertidos, é dever da família educar. A escola tem um papel formador, é dever da escola ensinar e dirigir o desenvolvimento da criança. Aos pais cabe a educação básica, o respeito, o certo e o errado, isto não é, ou pelo menos não deveria ser, responsabilidade da escola.

Segundo Adorno (2003 apud LIMA, 2008, p. 42), não pensamos mais no **para quê** da educação. Para o autor, a educação é muito mais do que modelar pessoas ou transmitir conhecimentos:

A verdadeira função da educação é trabalhar no sentido da produção de uma consciência verdadeira. O autor concorda que a educação também tem o objetivo de promover a adaptação das pessoas ao seu meio, mas não como um conformismo uniformizado e, sim, respeitando e possibilitando a construção das individualidades (LIMA, 2008, p. 42).

Nesse contexto, foi-se o tempo em que a escola era considerada o local tradicional de aprendizagem, onde as pedagogias ensinavam e diziam como deveriam pensar e agir as crianças em idade escolar. Segundo Sarlo (2000, p.18), “a escola, sem dúvida, não ensinava a combater a dominação simbólica, mas proporcionava as ferramentas necessárias à afirmação da cultura popular sobre bases distintas, mais variadas e mais modernas que as da experiência cotidiana e os saberes tradicionais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão a ser respondida pela presente pesquisa foi: Como a escola, enquanto instituição formadora, pode contribuir no desenvolvimento das crianças que vivem em um mundo globalizado?

Nesse sentido, Moran (2000, p. 39) afirma:

Os modelos de educação tradicional não nos servem mais, porém, a função primordial da escola continua sendo a mesma: o ensino, tendo a questão pedagógica na base de todos os esforços para a melhoria da sua qualidade. Porém, a escola precisa ressignificar o seu papel estabelecendo uma relação prazerosa entre o conhecimento e o saber, transformando-se em um lugar de produção e não apenas apropriação de conhecimento e cultura. Deve procurar desenvolver a comunicação, a memória, o pensamento crítico e trabalhar no sentido de levar o educando a resolver situações-problema em todos os níveis: os que aparecem no trabalho escolar, os que pertencem ao gerenciamento de questões diárias e os sociais, os que encontramos na interação com as outras pessoas.

Pode-se perceber nas escolas que as carteiras são individuais, em que cada aluno tem seus pertences e educa-se para que cada um cuide da sua vida. Porém, é necessário pensar na criança contemporânea e equilibrar a educação enfatizada na afetividade e no cognitivo. Sem esse modo de pensar a educação diante da sociedade atual, a criança se transformará em um sujeito indiferente ao ser humano e individualista.

Outro ponto importante é que não se pode refletir a infância contemporânea sem pensar nos diversos fragmentos culturais que a constituem, pois essa é uma infância marcada pela mídia, tecnologia, ofertas de produtos para consumo e, principalmente, pela materialidade.

Os sujeitos da atualidade se desenvolvem em um mundo ofertado pela mídia. Musicais, desenhos, programas infantis etc. estão à espera das crianças na televisão, sem contar com os “rápidos” intervalos que aparecem, cheios de produtos e novidades infantis para despertar ainda mais o desejo pelo **ter**.

Esse desejo pelo **ter** irá desencadear o consumo excessivo infantil. Pode-se dizer que este também é causado pelas mudanças de estruturação da família, onde os pais ficam menos tempo com seus filhos e acreditam suprir essa falta com os bens materiais.

Assim, entende-se que a caminhada acadêmica do professor pode ser o primeiro ponto a contribuir com as mudanças necessárias à educação, sendo entendida como processo contínuo de desenvolvimento a formação desse profissional, que deverá ser constante e trazer de fato a realidade encontrada nas escolas atuais, comprometendo-o com um educar para vida.

As escolas também necessitam de um olhar diferente para a educação desse sujeito, mediando os avanços trazidos pela sociedade contemporânea e a simplicidade de uma educação que desenvolva valores, sentimentos e cidadania.

A presente pesquisa possibilitou concluir que a educação não pode mais ser pensada e praticada da mesma maneira, pois o ambiente escolar é, por lei e pelas circunstâncias da sociedade atual, o local de formação integral do sujeito para a vida. Dessa forma, o professor deve estar atualizado e desejar ser um professor pesquisador.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BASÍLIO, A. L. **Paulo Freire em seu devido lugar**. 2015. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/noticias/paulo-freire-em-seu-devido-lugar/?utm_source=Google&utm_medium=Adwords&utm_campaign=AdwordsGrants&gclid=CPqGqe_x4s4CFolkQodJnMJ8A> Acesso em: 23 maio 2015.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BRASIL. Constituição Federal de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1988. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10644726/artigo-227-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 23 maio 2015.
- BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN), Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 maio 2015.
- _____. Lei n. 8.078, de 11 de setembro de 1990. Código de defesa do consumidor. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, set. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8078.htm>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CONANDA). **Resolução n. 163, de 13 de março de 2014**. Disponível em: <http://www.mpba.mp.br/atuacao/infancia/publicidadeeconsumo/conanda/resolucao_163_conanda.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- COUTO, F. **As consequências da adultização precoce**. 2014. Disponível em: <<http://www.centroapoioeducacaoesauade.com.br/consequencias-adultizacao-precoce>>. Acesso em: 3 mar. 2015.
- DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Brasília: Faber Castell, 2010.
- DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1995.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GRISPINO, I. **A importância da educação infantil**. 2006. Disponível em: <http://www.izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1421>. Acesso em: 12 out. 2015.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração – a família: santuário ou instituição sitiada?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

- LIMA, L. Pós-modernidade e a negação da infância. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 35-47, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/122>> Acesso em: 12 out. 2015.
- MOMO, M. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola**. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/neccso/pdf/tese_midiaeconsumo.pdf>. Acesso em: 23 maio 2015.
- MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6 ed. Campinas: Papirus, 2000.
- MOURA, A.; GONÇALVES, R.; LIMA, V. **A importância da educação infantil para o amplo desenvolvimento da criança**. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/desenvolvementodacrianca/index.php?pagina=0>>. Acesso em: 14 out. 2015.
- NAVARRO, M. **O brincar na educação infantil**. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2693_1263.pdf>. Acesso em: 23 out. 2015.
- PETERSEN, M.; SCHMIDT, S. Consumo e infância: “De mãos dadas a caminho da escola”. In: GTS/DF, 2., Brasília, 2012. **Anais...** Brasília: 2012.
- PIAGET, J. A **Epistemologia genética e a pesquisa psicológica**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.
- PINHAIS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta pedagógica curricular, educação infantil Pinhais**. Paraná: SEMED, 2013. Disponível em: <http://www.pinhais.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/ppc_educacao_infantil_web%5B6099%5D.pdf>. Acesso em: 23 set. 2015.
- SALLES, L. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2005000100005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- SILVA, A. B. **Mentes consumistas: do consumo à compulsão por compras**. São Paulo: Globo, 2014.
- SILVA, E.; CUNHA, M. **A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas**. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010019652002000300008&lang=pt#end>. Acesso em: 04 nov. 2015.
- SILVA, L. **Contribuições de Paulo Freire para a educação**. 2013. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Contribui%C3%A7%C3%B5es-de-Paulo-Freire-para-a-Educa%C3%A7%C3%A3o.aspx>>. Acesso em: 12 out. 2015.

APÊNDICE

Questionário

Quanto tempo você tem de atuação na educação?

O que julga responsabilidade da escola e da família na formação da criança? Cite exemplos.

Quais são as características do aluno que chega à escola hoje?

Com o avanço da tecnologia, as crianças de hoje têm acesso à informação de maneira muito rápida. Nesse contexto, você acredita que a escola tem dado conta da formação da criança? Justifique.

Qual sua opinião sobre o consumo infantil?

De que forma o consumo infantil interfere na formação dos seus alunos? Cite exemplos.

Quais são as melhores estratégias para construir práticas pedagógicas adequadas para o aluno atual?